

## ONDE: UM CONECTIVO MULTIFUNCIONAL?

Violeta Virgínia Rodrigues\*

Gustavo Benevenuti Machado\*\*

### Resumo:

Neste artigo, partindo da premissa de que *onde* já passou pelo processo de gramaticalização, pretende-se descrever seu(s) uso(s) padrão e não padrão na sincronia atual do português, visando a mostrar sua multifuncionalidade. Um dos aspectos que mais se destacam no comportamento deste item atualmente é seu uso *desgarrado*. O aporte teórico adotado é o de autores funcionalistas, tais como Chafe (1980), Neves (1997), Hopper (1991) e Decat (2011), só para citar alguns. Os dados analisados são de língua escrita e provêm de dois *corpora*: o *corpus* Roteiro de Cinema e o *corpus* Jornal AdUFRJ. Foram analisadas ao todo 174 cláusulas introduzidas por *onde*, funcionando como pronome relativo, conjunção subordinativa e integrante, o que nos permitiu levantar a hipótese de que esse item está funcionando à semelhança de *que*, conector universal.

**Palavras-chave:** *Onde*. Articulador. Multifuncionalidade. Funcionalismo.

### Abstract:

In this paper, we assume that “onde” already moved past the grammaticalization process, based on that we intend to describe its standard and nonstandard use (s) synchrony in the current Portuguese language. As an result we aim to show its multifunctionality. A remarkable aspect in the currently use of this item is “desgarramento”. The theoretical framework adopted is the functionalist authors, such as Chafe (1980), Neves (1997), Hopper (1991) and Decat (2011), to name few authors. The data analyzed are from written language and come from two corpora: the Screenplay Film corpus and the corpus AdUFRJ Journal. 174 clauses introduced by “onde”(where), working as a relativizer and a subordinating conjunctions, allowing us to hypothesize that this item is working like “que”(that), an universal connector.

**Keywords:** Where (*onde*). Articulator. Multifunctionality. Functionalism.

---

\* Professora Doutora do Departamento de Letras Vernáculas, Setor de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

\*\* Mestrando em Língua Portuguesa do Programa de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

## **I – Introdução**

Em dados recentes da língua portuguesa, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, podemos encontrar usos de *onde* funcionando como articulador de diferentes cláusulas, apresentando outros conteúdos semânticos, além do locativo. No entanto, como esses usos não estão em conformidade com o uso considerado padrão, não são contemplados pela maioria das gramáticas normativas.

O presente artigo tem, então, como principal objetivo descrever os usos do conector *onde*, em contextos oracionais, a fim de demonstrar que esse item pode ser tão multifuncional quanto o *que*. Além disso, esse estudo pretende, por meio de análise de *corpora*, propor dois *continua* (semântico e estrutural) demonstrando os usos de *onde* identificados.

Como aporte teórico, utilizamos o Funcionalismo e a noção de *desgarramento*, proposta por Decat (2011). Recorremos, dentre outros, aos trabalhos de Chafe (1980), Neves (1997) e Hopper (1991), para demonstrar o quanto este item pode ser multifuncional em situações reais de interação e comunicação.

Para realizar a presente investigação, recolhemos dados de textos, na modalidade escrita, datados de 2001 a 2006. Dessa forma, analisamos, dentro de um mesmo contexto linguístico, todos os dados em que *onde* aparece como introdutor de diferentes tipos de cláusulas, objetivando descrever e traçar os *continua* desses usos.

Para alcançar nosso intento, este artigo está organizado da seguinte maneira: no item 2, fazemos uma breve apresentação do tema; no item 3, apresentamos um breve histórico dos pressupostos teóricos utilizados; no item 4, descrevemos a análise dos dados; no item 5, mostramos os *continua* dessas análises e, no item 6, apresentamos nossas conclusões, ainda que parciais.

## **II - Apresentação do tema**

O item *onde* pode, em determinados contextos, equivaler ao conectivo *que*, podendo introduzir além de orações adjetivas, as substantivas e as adverbiais, segundo a nomenclatura

tradicional. A identificação de equivalência no funcionamento dos dois itens foi determinante para estabelecermos a hipótese de que *onde* parece passar por um processo de mudança linguística na atual sincronia da língua portuguesa, já que *onde*, em contextos oracionais, mostra-se tão multifuncional quanto o *que*, que é considerado, em vários estudos, um conectivo universal.

No que diz respeito ao *onde*, embora sua multifuncionalidade já seja encontrada, tanto na fala quanto na escrita, em situações formais e informais, as gramáticas tradicionais, em sua maioria, não contemplam ainda esse termo em sua lista de conjunções nem subordinativas e nem integrantes, considerando somente seu uso como pronome relativo e/ou como advérbio locativo/relativo (cf. CUNHA e CINTRA, 2008, BECHARA, 2009).

Fora do âmbito tradicional, as cláusulas introduzidas por *onde* têm sido bastante estudadas à luz de diversas teorias, como nos trabalhos de Braga & Manfili (2004), Siqueira (2009) e Silva (2008), só para citar alguns. Silva (2008), por exemplo, por meio de uma análise diacrônica, de natureza quantitativa, utilizando *corpus* do português arcaico e contemporâneo, demonstra que o item *onde* passa de uma função lexical (advérbio locativo) para uma função gramatical (pronome relativo), além de apresentar também seus usos como conjunção “intersentencial”. Muitos destes trabalhos, como se vê, já demonstram não só a gramaticalização desse conector, como também a sua multifuncionalidade como articulador de diversas cláusulas. Entretanto, *onde* é ainda descrito tradicionalmente como um pronome relativo *estritamente* locativo, isto é, como um articulador de orações subordinadas adjetivas, antecedidas de um substantivo, cujo valor semântico é de lugar. No entanto, Machado (2011, 2012, 2013), ao analisar *corpora* de fala e escrita, percebeu que esse articulador não funciona, em situações reais de interação, apenas como pronome relativo locativo, mas também como articulador de cláusulas denominadas, pela tradição, de substantivas e adverbiais, além de veicular outros conteúdos semânticos (temporal, explicativo, nocional) em seu funcionamento como pronome relativo.

Com base nestes aspectos e nos dados analisados, defendemos, como objetivo principal deste estudo, o fato de que *onde*, por já ter sido gramaticalizado, pode ser interpretado pelo falante de língua portuguesa como um novo conectivo universal, isto é, comportando-se, em alguns contextos, do mesmo modo que o conector *que*. Dessa forma, compreende-se que, embora muito já se tenha dito sobre os usos de *onde*, há ainda aspectos a se observar, como, por exemplo,

o seu *desgarramento*, que será mais bem abordado mais adiante no item 4, referente à análise dos dados.

### **III – Fundamentação teórica: o funcionalismo e as noções de *desgarramento* e *unidade informacional***

Para que possamos analisar e descrever os dados de *onde* e traçar seus *continua*, faremos um breve histórico de alguns preceitos funcionalistas que norteiam esse trabalho e que servem de base para o entendimento do funcionamento do item como um conectivo universal/multifuncional. Além disso, faremos também uma breve revisão acerca dos conceitos de *desgarramento* e *unidade informacional*, abordados por Decat (2011) e Chafe (1980), respectivamente.

#### **a) O Funcionalismo**

Para esta pesquisa, utilizamos os pressupostos teóricos funcionalistas, que consideram a linguagem em seu uso real, servindo à função comunicativo-interacional da linguagem, ou seja, visando, dentre outras coisas, a relação gramatical das línguas e seus contextos de interação, valorizando o uso que o falante faz dessas estruturas. Por isso, Neves (1997) explicita que, ao se afirmar que a gramática funcional considera a competência comunicativa, significa dizer que o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de interpretá-las de forma interacionalmente satisfatória. Ainda com base nesta perspectiva, Dik (1989) aponta que, em um paradigma funcional, a língua é concebida como um instrumento de interação social entre os seres humanos, usada com o objetivo principal de estabelecer relações comunicativas entre os usuários.

Esta teoria preza, então, pelo estudo das estruturas linguísticas dentro de seu contexto de uso, reforçando a ideia de que discurso e gramática interferem um no outro. Nesse sentido, para os funcionalistas, a gramática de uma dada língua é formada não só a partir de pressões internas a seu sistema, mas também de pressões externas a ele. Sendo assim, a gramática é concebida como

um sistema adaptativo, que está em constante reformulação por meio dos usos que os falantes fazem da língua em situações comunicativas reais.

Sabendo que a língua é um organismo vivo e se encontra em constante reformulação, podemos entender melhor o surgimento de novas estruturas linguísticas a partir de uma visão funcionalista da língua. O surgimento de estruturas novas em um sistema linguístico não envolve elementos totalmente novos, pelo contrário, apresenta elementos já disponíveis no sistema com uma funcionalidade diferenciada. Desse modo, parece ser recurso recorrente nas línguas o uso de estruturas velhas com finalidades novas. Não é rara, portanto, a utilização de itens e construções lexicais com finalidades mais gramaticais. Esse processo é conhecido por gramaticalização<sup>†</sup>. No que se refere à gramaticalização, Meillet (1948 [1912]) define esse processo como uma mudança de categoria, em que uma palavra autônoma passa a ter um caráter mais gramatical. Para o autor, essa mudança está associada a um esvaziamento semântico e formal, em consequência de uma frequência de uso de determinadas formas.

#### **b) *Desgarramento e unidade informacional***

Decat (2011) afirma que o *desgarramento* envolve estruturas tidas como subordinadas (adverbiais e adjetivas explicativas) e, obviamente, dependentes pela Gramática Tradicional, mas vêm ocorrendo, tanto no português **escrito** quanto no **falado**, sintaticamente independente da cláusula núcleo, ou seja, de forma solta, isolada, como um enunciado independente. A partir desta afirmação, o presente trabalho analisará e descreverá também os casos em que *onde* aparece de forma *desgarrada* nos *corpora* analisados. Vale ressaltar que, para uma melhor análise desses dados, o ideal seria submetê-los a um tratamento prosódico, isto é, através da interface sintaxe-prosódica. Assim, seria possível verificar se, além da estrutura sintática, há algum comportamento prosódico que indique o seu *desgarramento*, comprovando, portanto, a afirmação da autora que postula que este fenômeno vem ocorrendo não só na escrita, mas também na fala. No entanto,

---

<sup>†</sup> O conceito de gramaticalização não será aprofundado aqui, visto que, conforme já foi dito, entendemos que o item *onde* já passou por este estágio, sendo nosso objetivo, portanto, investigar o seu funcionamento após sua gramaticalização. O conceito mais difundido de gramaticalização é aquele que a caracteriza como a passagem de um item lexical para um item mais gramatical, ou seja, um processo de mudança que vai do léxico para gramática. Atualmente, já se considera que o processo de gramaticalização leva itens lexicais e construções sintáticas a assumirem funções referentes à organização interna do discurso.

este trabalho limitar-se-á a descrever, conforme proposto, os usos de *onde*, em contextos oracionais, incluindo seu provável *desgarramento*, sem, no entanto, submeter os dados ao tratamento prosódico.

Decat (2011) propõe que a noção de “unidade de informação” pode ser um instrumento importante para o estudo e análise da (in)dependência das cláusulas. Segundo a autora, poder ou não constituir uma única unidade de informação é uma distinção fundamental entre estruturas de encaixamento e estruturas de hipotaxe.

Chafe (1980) propõe a noção de *idea unit*, traduzida como “unidade de informação” (ou “unidade informacional”). Esta noção designa, segundo o autor, um “jato de linguagem” que contém toda a informação manipulada pelo falante em um único estado de consciência. Isso, para Decat (2011, p. 28), “quer dizer que há um limite de informação que a atenção do falante pode focalizar de uma única vez, ou seja, a unidade de informação expressa o que está na ‘memória de curto termo’”. Segundo considerações da autora, cláusulas menos dependentes (as tradicionalmente chamadas de adjetivas explicativas e, principalmente, as adverbiais), ou seja, aquelas que não podem ser constituintes de um elemento de outra e que, portanto, podem formar uma unidade de informação à parte, estariam propensas ao *desgarramento*, ou seja, poderiam ocorrer, sintaticamente, independentes na língua.

Ainda sobre a noção de unidade informacional, Decat (2011, p. 43) afirma que “a noção de ‘unidade de informação’ está correlacionada com a ocorrência isolada de cláusulas subordinadas. Caracterizando-se como opções do discurso, servindo a objetivos comunicativo-interacionais, tais cláusulas *desgarram-se* porque constituem unidades de informação à parte, o que as reveste de um menor grau de dependência, tanto formal quanto semântica, chegando mesmo a se identificarem como cláusulas tidas como independentes, à maneira de alguns tipos de coordenadas. A dependência que se estabelece, nesses casos, será pragmático-discursiva”.

Assim, para analisar os possíveis casos *desgarrados* e multifuncionais de *onde* em português, esse estudo se apoiará no Funcionalismo, mas, principalmente, nesses conceitos de *desgarramento* e unidade informacional.

## IV - Análise dos dados

### a) Os *corpora* analisados

Os dados analisados provêm de dois *corpora*: o *corpus* Roteiro de Cinema (disponível no *site* [www.roteirodecinema.com.br](http://www.roteirodecinema.com.br)) que, por se tratar de um gênero textual que tem por finalidade ser encenado, pode apresentar tanto características da escrita, quanto da fala. Isto é, pode ser considerado um gênero híbrido, porque pode apresentar fragmentos mais ou menos formais (a depender da intenção comunicativa do personagem), além de estruturas semelhantes à oralidade. O outro *corpus* utilizado foi o jornal AdUFRJ (contendo textos escritos por professores das mais diversas áreas de conhecimento e filiados ao sindicato da categoria na UFRJ), que congrega vários gêneros (entrevistas, notícias, editoriais etc.), que por ser escrito e monitorado, pode ser considerado um domínio discursivo mais formal. Dessa forma, adotando estes *corpora*, o trabalho consegue reunir estruturas mais ou menos formais, como também apresentar uma breve noção do que poderia ocorrer em contextos de fala, ainda que não espontânea.

### b) A proposta de análise funcionalista

Para uma análise funcionalista dos dados, adotaremos alguns aspectos e nomenclaturas específicas desta teoria. A noção de cláusula, por exemplo, para o funcionalismo, não é, necessariamente, sinônima de oração. Nesta corrente teórica, a noção de cláusula envolveria aspectos não só gramaticais, como propõe o rótulo tradicional, mas também aspectos discursivos. Decat (2011) afirma que o que importa não é classificar uma cláusula, mas reconhecer a capacidade que elas têm de se combinarem umas com as outras. No nosso caso, cláusula corresponde à oração.

Vejamos o quadro a seguir:

<b>GT</b>	<b>Funcionalismo</b>
<b>Substantivas</b>	<b>Completivas</b>
<b>Adjetivas restritivas</b>	<b>Relativas restritivas</b>
<b>Adjetivas explicativas Adverbiais</b>	<b>Hipotáticas</b>

Quadro 1: A proposta funcionalista em comparação com a proposta tradicional<sup>‡</sup>

<sup>‡</sup> O quadro 1 baseia-se na tríade proposta por Mathiessen e Thompson (1988), em que se distingue subordinação, coordenação e hipotaxe.

Adotando a proposta funcionalista, chamaremos, então, de cláusula, o que a tradição chama de oração, a fim de associarmos os aspectos gramaticais aos aspectos discursivos. Seguindo essa linha de raciocínio, adotaremos (i) cláusulas completivas/encaixadas; (ii) cláusulas relativas restritivas e (iii) cláusulas hipotáticas, para designar, respectivamente, o que tradicionalmente seria chamado de orações substantivas, orações adjetivas restritivas e orações adverbiais e adjetivas explicativas/afirmativas, respectivamente (cf. quadro 1).

Sobre o quadro 1, vale explicitar que, segundo o Funcionalismo, a noção de subordinação não corresponde à visão tradicional. No âmbito funcionalista, subordinação pressupõe encaixamento, relação de constituição entre elementos. Por esse motivo, só podemos falar de subordinação seguindo esta proposta, para o caso das completivas (substantivas da GT) e relativas restritivas (adjetivas restritivas da GT) – as primeiras encaixadas ao SV e as segundas encaixadas ao SN. No caso da hipotaxe, uma cláusula não estabelece relação de constituição com outra, mas contribui para expandir/realçar seu conteúdo como acontece com as hipotáticas - adverbiais da GT e as relativas afirmativas (adjetivas explicativas da GT). As paratáticas além de não serem constituintes de outra, são sintaticamente independentes (cf. MATTHIESSEN e THOMPSON, 1988).

A adoção da tríade subordinação, hipotaxe e parataxe, permite que repensemos as relações entre as orações no âmbito da tradição gramatical, que se baseia na dicotomia subordinação/coordenação.

### **c) Os dados analisados nos *corpora***

De acordo com as tabelas que se seguem, verificam-se os resultados alcançados com nossa análise. Na tabela 1, encontram-se os dados referentes ao *corpus* roteiro de cinema. Nos roteiros, encontramos 74 cláusulas introduzidas pelo conectivo *onde*, sendo 31 delas de usos não padrão, em que 14 são de relativas com valores semânticos diferentes do locativo (destaca-se o valor nocional), 9 delas são cláusulas completivas, 6 correspondem às cláusulas hipotáticas e, por fim, 2 casos de cláusulas *desgarradas*. Vale ressaltar que este trabalho entende como estruturas “não padrão” todos os usos de *onde* não contemplados pela tradição gramatical, que são: (i) introdutor de cláusulas completivas; (ii) introdutor de cláusulas hipotáticas; (iii) introdutor de

cláusulas relativas, que apresentem outros valores semânticos diferentes do locativo e (iv) o *desgarramento*. De acordo com a tabela 2, referente aos dados do jornal AdUFRJ, encontramos um total de 100 dados, dentre eles, 31 de uso padrão, isto é, *onde* funcionando como um introdutor de cláusulas relativas, cujo valor semântico é locativo. Além disso, encontram-se 55 dados de cláusulas relativas não padrão (destaca-se aqui o valor nocional, com ocorrência de outros conteúdos semânticos), 2 casos de cláusulas completivas, 4 ocorrências de cláusulas hipotáticas e, por fim, 8 dados referentes às cláusulas *desgarradas*. Ao todo foram analisadas, portanto, 174 cláusulas iniciadas por *onde*.

Estrutura	Relativa		Completiva	Hipotática	<i>Desgarradas</i>
	Padrão	Não Padrão	Não Padrão	Não Padrão	Não Padrão
<b>Dados = 74</b>	<b>43</b>	<b>14</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>2</b>

Tabela 1: *corpus* Roteiro de Cinema

Estrutura	Relativa		Completiva	Hipotática	<i>Desgarradas</i>
	Padrão	Não Padrão	Não Padrão	Não Padrão	Não Padrão
<b>Dados = 100</b>	<b>31</b>	<b>55</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>8</b>

Tabela 2: *corpus* AdUFRJ

A análise dos 174 dados será dividida seguindo o comportamento das cláusulas introduzidas por *onde* e, ao final desta análise, apresentamos seus *continua*.

#### (i) Articulador de cláusulas completivas

O conector *onde* pode funcionar como um articulador de cláusulas completivas, isto é, estabelecendo maior nível de encaixamento sintático entre as cláusulas, conforme atestam os dados a seguir:

(1) “Entre derrotas e pequenas vitórias caminhamos, sem saber ao certo por **onde** as forças nos levam e por **onde** levamos as forças...” (AdUFRJ)

(2) “Mas, pasmem, professores doutores vêm à TV avaliar que o que importa é saber se devemos ou não entregar aparelhos de televisão aos traficantes e... investigar de **onde** vem o dinheiro para custeá-los!!!” (AdUFRJ)

Em (1) e em (2), exemplifica-se o uso de *onde* como um articulador de cláusulas encaixadas, orações substantivas da tradição, ou seja, as cláusulas iniciadas por este conectivo apresentam um maior vínculo sintático com o SV (*saber ao certo* e *investigar*, respectivamente) da cláusula núcleo. Em (1), encontramos o que poderíamos chamar de cláusulas encaixadas coordenadas entre si.

O fato de alguns autores de gramáticas normativas admitirem a existência de orações substantivas introduzidas por pronomes ou advérbios interrogativos, quando estiverem na forma de uma oração interrogativa indireta, não inviabiliza nossa análise. Muito pelo contrário, a reforça, porque, os gramáticos que assim o fazem, percebem exatamente o mesmo que percebemos, isto é, o *onde* funcionando como se fora uma conjunção integrante. Não podemos nos esquecer, também, de que tal abordagem não é consensual entre eles, o que nos ajuda a defender que não é, portanto, o uso padrão.

## (ii) Articulador de cláusulas hipotáticas

O conectivo *onde* pode apresentar também seu funcionamento como um articulador de cláusulas hipotáticas, isto é, cláusulas também chamadas de circunstanciais, por apresentarem conteúdo semântico de lugar, conforme atestam os dados que se seguem:

(3) “**Onde** se julgar pernicioso, não deve ser feito o mestrado profissional.” (AdUFRJ)

(4) “O mundo é vasto, Virgília. Eu tenho os meios de viver **onde** quer que seja. Um lugar que tenha ar puro e muito sol. Ele não chegaria lá. Só as grandes paixões são capazes de grandes ações e ele não a ama tanto que possa ir buscá-la.” (Roteiro de Cinema, *Memórias Póstumas*)

Em (3) e (4), encontramos o uso de *onde* como um articulador de cláusulas hipotáticas, tradicionalmente, descritas como subordinadas adverbiais, isto é, o vínculo sintático entre as cláusulas nesse contexto é menor, já que a adverbial não é constituinte de um item lexical como a

adjetiva restritiva (encaixada ao SN) e a substantiva (encaixada ao SV), possibilitando, por exemplo, a maior mobilidade da hipotática, o que se confirma no dado (3), já que a cláusula hipotática está anteposta à cláusula núcleo.

O fato de muitas dessas estruturas serem percebidas pelos falantes como construções cristalizadas não impede que as analisemos levando em conta que, como cláusulas, localizam o evento comunicativo nos contextos de uso em que estão de forma mais abstrata.

### (iii) Articulador de cláusulas relativas

Conforme já dissemos, o conector *onde* é descrito tradicionalmente como um pronome relativo, portanto, um articulador de cláusulas relativas, desde que esteja antecedido de um SN que indique lugar. No exemplo a seguir, o conteúdo semântico de *onde* é locativo, temos, portanto, o uso padrão deste item:

(5) “A tarde está caindo. Stuart caminha assustado pela rua, a todo instante olha para trás. Chega à loja de Zuzu, de **onde** saem alguns operários, já sem a roupa de trabalho.” (Roteiro de Cinema, *Zuzu Angel*)

No entanto, como também já é de nosso conhecimento, *onde*, ao funcionar como um articulador de cláusulas relativas, pode apresentar outros conteúdos semânticos, além do locativo, conforme descrito no item (5). Vejamos os dados a seguir:

(6) “Foram realizadas, antes do congresso, duas reuniões do setor das federais, **onde** já havia ficado claro que a avaliação da greve não seria fácil e que as conclusões não seriam únicas.” (AdUFRJ)

(7) “Até hoje, o pior resultado já registrado pela OAB aconteceu no exame 126, em maio de 2005, **onde** apenas 7,16% dos bacharéis passou.” (AdUFRJ)

(8) “De todos os números deste Jornal, o importante é este, **onde** comemoramos 500 edições mais.” (AdUFRJ)

A partir da análise desses dados, compreendemos que, no que se refere ao seu funcionamento como articulador de cláusula relativa, *onde* parece apresentar algumas possibilidades de leitura além da locativa. Resgatando-se aqui a proposta de Hopper (1991),

podemos afirmar que há, nesse caso, indícios do princípio da persistência pelo qual se prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada. Isto porque é possível que, em um processo de mudança, o conteúdo de lugar, no caso no item em análise, se mantenha, ainda que haja outros valores semânticos coexistindo na mesma estrutura. Além disso, é possível encontrarmos também contextos híbridos, como no exemplo (8), já que o conectivo parece funcionar como um pronome relativo, cujo conteúdo semântico seria de valor nocional ou, ainda, valor semântico de explicação (neste caso, adota-se o recurso da paráfrase, isto é, substituiu-se o *onde* por outro conectivo prototípico da explicação, como o *pois*, para verificar tal conteúdo). Outra possibilidade de análise é pensarmos que [onde comemoramos 500 edições] seria uma cláusula, tradicionalmente classificada, como substantiva apositiva, já que retoma o SN [este] que, por sua vez, seria uma referência ao SN [jornal]. No exemplo (6), encontramos o funcionamento como pronome relativo, mas, neste caso, com o que chamamos de valor nocional, isto é, valor este em que o falante alarga/expande o conteúdo de lugar. Desse modo, podemos dizer que há no contexto de uso em questão uma nuance temporal no uso de *onde*. Em (7), também é possível reconhecermos o conteúdo semântico temporal, isto fica ainda mais evidente por meio da paráfrase, ou seja, substituindo o *onde* pelo conectivo prototípico temporal. Vejamos:

(7') "Até hoje, o pior resultado já registrado pela OAB aconteceu no exame 126, em maio de 2005, **quando** apenas 7,16% dos bacharéis passou." (paráfrase do exemplo 7)

#### (iv) O *desgarramento*

No que se refere ao *desgarramento* de *onde*, as estruturas mais propensas a este fenômeno seriam as cláusulas que constituem uma unidade de informação a parte, isto é, as caracterizadas como adjuntos. De acordo com Decat (2011), uma cláusula encaixada, por ser estruturalmente ligada em outra, faz parte da mesma unidade de informação da estrutura em que se encaixa. Sendo assim, dificilmente as cláusulas encaixadas serão *desgarradas*. A partir disto, vejamos os casos de *desgarramento* das cláusulas caracterizadas como adjuntos a seguir:

(9) “Toda maneira possível se descortinava a possibilidade de um outro mundo, esse mesmo mundo, **onde** o coletivo teria e terá a sua chance e sua hora. **Onde** a história estará viva e mortos estarão os caveirões com seus ideais monolíticos fragmentados, **onde** as ideologias ressuscitadas conversarão com as ciências” (AdUFRJ)

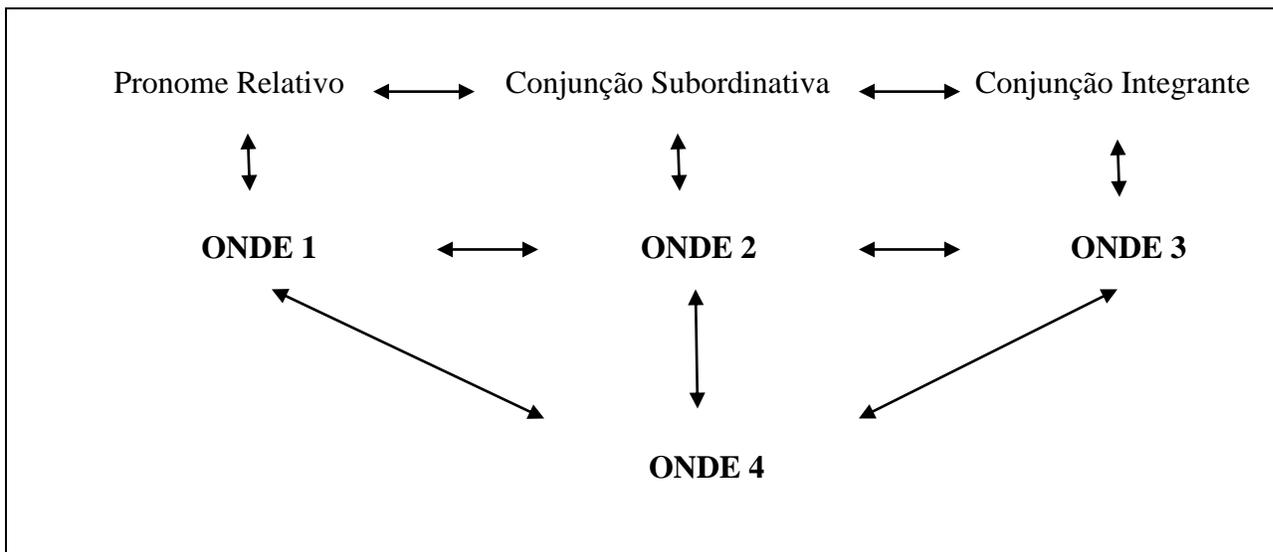
(10) “De fugir. Iremos **aonde** nos for mais cômodo. Uma casa pequena ou grande, na roça, na Cidade ou na Europa. **Onde** te parecer melhor. **Onde** ninguém te aborreça e não haja perigos para ti.” (Roteiro de Cinema, *Memórias Póstumas*)

No exemplo (9), encontramos um primeiro *onde* funcionando como articulador de cláusula relativa e retomando o SN “esse mesmo mundo” e depois como um caso de *desgarramento* retomando toda a porção textual anterior, reforçando toda a ideia antes expressa. Já em (10), encontramos a repetição de duas cláusulas hipotáticas *desgarradas*, em que também ocorre o *desgarramento* de *onde*, servindo para enfatizar a porção de texto anterior. Nos dados anteriores, o *desgarramento* foi identificado pela presença do ponto final e porque tanto (9) quanto (10) constituem unidades de informação à parte. Vale mencionar que, em ambos os exemplos, observam-se, antes do *desgarramento*, cláusulas de mesma natureza sintática e semântica vinculadas às cláusulas núcleo. Assim, a repetição das cláusulas, torna ainda mais produtivo seu uso *desgarrado*, servindo como ênfase, realce da ideia que se quer transmitir no contexto. O fato de ocorrerem cláusulas não *desgarradas* e no mesmo contexto ocorrer *desgarramento* de cláusulas pode ser um indicador de que o uso de estruturas *desgarradas* não seja aleatório e, portanto, seja sistemático na língua, conforme defende Decat (2011). Desse modo, interpretar as *desgarradas* como orações subordinadas adverbiais sem as respectivas principais e, portanto, como “erro” à luz da tradição gramatical, impede que se reconheça sua funcionalidade no discurso, ou seja, seu uso como reforço argumentativo ou enfático dessas construções.

## V - Os *continua* dos usos de *onde*

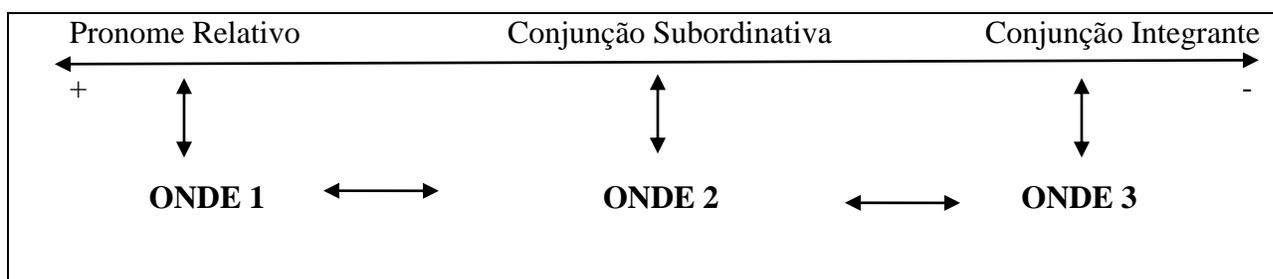
A partir dos dados analisados anteriormente e da descrição do(s) uso(s) e funcionamento de *onde*, em contextos oracionais, apresentam-se os *continua* estrutural e semântico:

### ***Continuum I: estrutural***



Com base no *continuum* estrutural antes mostrado, há os usos de *onde* se assemelhando aos usos de *que*; nesse, ONDE 4 corresponderia às cláusulas introduzidas por *onde* em *desgarramento*, conforme atestam os dados (9) e (10); ONDE 1 seria o uso de *onde* como articulador de cláusulas completivas, ou substantivas, no rótulo da tradição, conforme os exemplos (1) e (2) analisados anteriormente; ONDE 2 corresponde ao uso de *onde* como um pronome relativo, como nas análises em (5) e (6) e, por fim, ONDE 3 corresponderia ao funcionamento do item como um articulador de cláusulas hipotáticas, ou adverbiais, conforme a tradição gramatical, como atestam os dados (3) e (4). Estruturalmente, ONDE 4 representa alto grau de autonomia sintática, já que pode ocorrer como *unidade informacional* e isolado como cláusula. ONDE 1, sintaticamente, é o mais encaixado, porque se vincula ao SV e ONDE 2, embora sintaticamente encaixado, vincula-se ao SN. ONDE 3, exatamente porque não é sintaticamente constituinte de outro elemento, tem um vínculo mais frouxo com o verbo, podendo ocupar as margens da oração, daí seu caráter mais periférico e/ou marginal (no sentido de ocupar as margens do núcleo).

## **Continuum 2: semântico**



A partir do *continuum* 2, traçamos uma gradação entre o funcionamento de *onde* e seu esvaziamento semântico. Dessa forma, partimos do uso como pronome relativo (ONDE 1), em que seu conteúdo semântico é mais saliente, podendo, inclusive, assumir, outros valores, isto é, apresentar outras leituras circunstanciais, conforme atestam os exemplos (6), (7) e (8). No seu funcionamento como conjunção subordinativa (ONDE 2), isto é, apresentando leitura circunstancial, sobretudo locativa, há um menor nível de encaixamento, como nos exemplos (3) e (4). Quanto ao funcionamento de *onde* como conjunção integrante (ONDE 3), há, em termos de uso, um maior esvaziamento semântico do item e um maior nível de encaixamento entre as cláusulas, como em (1) e (2). Em termos de conteúdo semântico, *onde* 1 e 2 preservam o conteúdo de lugar e podem adquirir um novo, já no caso de *onde* 3, persiste o conteúdo locativo, porém, mais enfraquecido no contexto. O funcionamento do item *onde* como ONDE 4, isto é, *desgarrado*, não está contemplado nesse *continuum*, uma vez que representa uma possibilidade mais estrutural do que semântica de *onde*, muito embora se saiba que, no *desgarramento*, há intenções comunicativas e textuais diversas.

## **VI - Considerações finais**

Ao fim deste trabalho, acreditamos ter conseguido comprovar a hipótese levantada, ou seja, a de que o articulador *onde* parece, de fato, ser empregado pelo falante como um novo conectivo universal da língua portuguesa, ou seja, *onde*, em contextos oracionais, é interpretado de forma tão multifuncional quanto o *que*.

A investigação, apesar de ter cumprido com os objetivos propostos, ainda não está de todo concluída. Dizemos isso porque ainda há alguns aspectos interessantes relacionados à multifuncionalidade de *onde*, sobretudo no que corresponde ao seu *desgarramento*, que deve, em pesquisas futuras, ser submetido a um tratamento prosódico, a fim de verificar se esse apresenta, prosodicamente, alguma diferença em relação aos usos não *desgarrados*.

Desse modo, se a hipótese de que existam diferenças no nível prosódico se verificar, poderemos comprovar que os casos de *desgarramento* não são aleatórios, uma vez que marcas sintáticas podem coincidir com marcas prosódicas, havendo, então, intenções comunicativas características desses usos.

Isto reforçaria ainda mais a hipótese de que o uso de estruturas *desgarradas* não é aleatório por parte do falante, mas que há, sim, alguma intenção comunicativa neste contexto. Além disso, uma análise mais detalhada dos gêneros textuais, da modalidade oral e escrita, entre outros aspectos pode contribuir ainda mais para uma ampla descrição dos usos de *onde* listados neste estudo.

Assim, por tudo que foi comentado até aqui, o presente artigo constitui-se de um panorama acerca do funcionamento de *onde* após o processo de gramaticalização já sofrido por ele na língua portuguesa. Portanto, há muito que estudar ainda sobre o funcionamento de *onde*.

## Referências

BRAGA, Maria Luiza & MANFILI, Keylla. *Essa é a preocupação onde eu quero chegar. “Onde” em referências anafóricas no português do Brasil*. VEREDAS - Rev. Est. Ling., Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p.233-243, jan./dez. 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CHAFE, Wallace L. *The Pear Stories: Cognitive, Cultural, and Linguistic Aspects of Narrative Production*. Vol. III. University of California, Berkeley, 1980.

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª edição. Rio de Janeiro, 2008.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2011.

DIK, C. S. *The theory of functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

HOPPER, Paul J. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

MACHADO, Gustavo Benevenuti. *A Multifuncionalidade de ONDE: uma descrição de seus usos*. UFRJ, 2011. Apresentação de trabalho na Jornada de Iniciação Científica – JIC.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: a multifuncionalidade de ONDE*. UFRJ, 2012. Apresentação de trabalho na Jornada de Iniciação Científica – JIC.

\_\_\_\_\_. *O desgarramento de ONDE em português*. UFRJ, 2013. Apresentação de trabalho na Jornada de Iniciação Científica – JIC.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. 1ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamin’s Publishing, 1988.

SILVIA, Fernanda Cunha Pinheiro da. *O percurso de mudança do item onde na perspectiva da gramaticalização*. UFMG, 2008. Dissertação de mestrado.

SIQUEIRA, Sirley Ribeiro. *Usos do elemento ONDE: trajetória e funcionalidade*. UFF, 2009. Dissertação de mestrado.

### **Referência dos Corpora**

Jornal AdUFRJ disponível em <http://www.adufrj.org.br/>.

Roteiro de Cinema disponível em <http://www.roteirodecinema.com.br/>